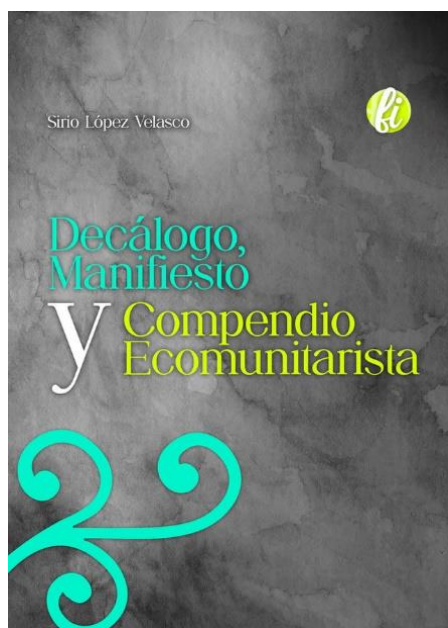


VELASCO, Sirio López. *Decálogo, manifiesto y compendio ecomunitarista*. Cachoeirinha, RS: FI, 2025, 105p [ISBN: 978-65-5272-054-2]



Ecomunitarismo em três chaves

Ecomunitarism in tree Keys

CLAUDINEI APARECIDO DE FREITAS DA SILVA¹

Ao ingressarmos em mais um Ano Novo, outro ciclo editorial tem-se início e, com ele, um inovador projeto que marca, indelevelmente, a literatura filosófica latino-americana. Trata-se do trabalho de Sirio López Velasco, pensador uruguaio, radicado no Brasil, algumas décadas. Dessa vez, o projeto intitula-se *Decálogo, Manifiesto y Compendio Ecomunitarista*. Afinal, o que tal labor encampado pela editora FI projeta em nosso corredor de ideias em termos continentais?

A começar pelo viés didático, em que se matiza uma escrita elegante sem deixar de ser exigente. Trata-se, pois, de uma obra comprometida com o público leitor ainda não familiarizado ou versado com o que de filosoficamente ela, de maneira peculiar, discute. Aliás, em seus últimos trabalhos, Velasco já vêm

¹ Professor dos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação (*Stricto Sensu*) em Filosofia da UNIOESTE – Campus Toledo com Estágio Pós-Doutoral pela Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne. E-mail: cafsilva@uol.com.br.

claramente manifestando essa preocupação no sentido de, cada vez mais, ir inserindo aqueles(as) leitores (as) que, em algum momento ou outro, têm sido tocados(as) por suas questões e proposições.

À par, pois, desse interesse mais imediato e direto de diálogo com o seu público, o livro ensaia dois importantes aspectos programáticos. O *Sumário*, é claro, diz por si só. Ele traz, em nota, de maneira propositiva, um breve “Decálogo” em que o autor enumera, de forma pedagógica, 10 princípios corolários do Ecomunitarismo; teoria essa formulada originalmente por Sirio nos termos de um novo modelo ético. Em linhas gerais, desde a sua primeira norma do “Decálogo”, entende-se por Ecomunitarismo, “uma ordem comunitário-ambiental utópica pós-capitalista, nunca totalmente alcançável, mas como um guia indispensável para que a ação transformadora cotidiana dos seres humanos, de cada pessoa e do mundo, não se perca sem rumo ou não ande em círculos”. Dela se deduzem todas as outras compondo, assim, o “Decálogo” que deixaremos, doravante, ao leitor apreciar a contento.

Passando esse primeiro movimento do texto, vamos ao segundo. Trata-se, agora, numa inspiração marxiana, à luz do princípio diretor exposto acima, de redigir um Manifesto, o “Manifesto Ecomunitarista”. Velasco, uma vez tomado por uma rara sensibilidade, perscruta qual a práxis possível, ecomunitaristamente falando, pela podemos encampar aquela transformação que Marx exigira como processo necessário da história, já que os filósofos se limitavam tão somente em interpretá-la. Tudo se passa como que se a teoria não se mantivesse concretamente sem a ação e ação não se efetivasse totalmente sem a teoria em seu movimento crítico-reflexivo. Uma reclama a outra; são recíprocas, mútuas, concêntricas pela qual podemos encampar.

Só para que o leitor possa saborear uma “pitada” desse cardápio cuidadosamente servido no *Manifesto*, destaquemos as três primeiras e a décima nonas lições. A lição de número 1 mostra que “uma verdade corre pelo mundo: o capitalismo coloca em risco a sobrevivência da Humanidade e a continuidade de boa parte da vida no Planeta”. Já lição de número 2 observa que “essa destruição é inerente à lógica do maior lucro possível no menor espaço de tempo e a todo custo,

que caracteriza o capitalismo”. A lição de número 3 nota que o “Capital é a relação social que existe entre aqueles que possuem os meios de produção e de vida, e aqueles que, por não os possuírem, são forçados a vender a sua força de trabalho aos primeiros para sobreviverem”. Ora, sobre isso, o que devo ou devemos fazer? Frente a essa pergunta que instaura a Ética, só há uma saída possível a tal estado de coisas: o Ecomunitarismo. É programaticamente essa a proposição que encerra a lição de número 19 do *Manifesto*. Nela, “a luta ecomunitarista assume formas pacíficas e semipacíficas e, quando ambos não são possíveis ou suficientes, e não há outro remédio, formas não pacíficas. Dentre as primeiras, destacam-se as diversas formas de resistência pacífica ativa, que começam já na perseverança dos povos originários na manutenção e defesa de seu modo de vida comunitário-ambiental que protege cada pessoa e respeita a Pachamama”. Incluem-se aí as ações de resistência dos agricultores familiares; as dos pescadores artesanais; das cooperativas verdadeiras e sustentáveis, dos sindicatos, movimentos de estudantes, feministas, anti-racistas, ambientalistas, as disputas eleitorais, entre outras. Já as rotas semi-pacíficas incluem, p. ex., “ocupações de terras, campos, vias públicas e/ou edifícios públicos ou privados (como centros de estudo ou de trabalho)”. Há, ainda, a ocupação de latifúndios (muitas vezes de proprietários que moram na cidade) por camponeses sem terra que é norteadas pelo lema “terra para quem trabalha, para produzir alimentos saudáveis e cuidar da Pachamama” e a ocupação de edifícios vazios por pessoas sem-abrigo. Por fim, cabe atentar que “a atual luta ecomunitarista não nega a lutas não pacíficas, especialmente para resistir e derrotar o ataque armado de gangues “legais” (leia-se polícia e exército) ou não legais que servem ao Capital. A experiência do povo ensinou-o a praticar tanto a autodefesa comunitária armada, a guerrilha urbana e a guerrilha rural, como as guerras populares de autodefesa (por exemplo, face à agressão imperialista)”. Isso se justifica, sobremaneira, porque a sociedade tem ficado à mercê do crime organizado em geral formando uma espécie de narcoestado onde a dominação capitalista “institucional-legal” se mistura com a opressão abertamente criminosa. Sem dúvida que, do ponto de vista da terceira regra fundamental da Ética, “o combatente ecomunitarista que se vê obrigado a recorrer a formas de ação não

pacíficas terá que procurar a neutralização e não a morte do adversário, e, se este for ferido, ele cuidará dele com cuidado para que recupere a saúde o mais rápido possível”.

Isso posto, no terceiro capítulo, o texto diagnostica um sintoma cada vez mais nevrálgico de nossa época: o capitalismo e suas vítimas. O capital é um meio de produção vampiresco que ataca e se alimenta do sangue da vida não humana e humana do planeta. Nesse patamar, ele se erige, atualmente, como uma pirâmide em que, no topo, se assentam os poucos megamilionários, os grandes bancos e as grandes multinacionais. Numa escala abaixo, estão os grandes capitalistas como os ligados ao agronegócio. Há outras camadas abaixo conforme à lógica piramidal até chegar à longa fila dos trabalhadores assalariados. Sendo, pois, um sanguessuga insaciável, o Capital, até para se manter, vitimiza, sem ressentimento, as comunidades produtivas originárias como, aliás, uma de suas primeiras presas. Como bem nota Sirio, em seu livro: “Se, na Inglaterra, o capitalismo nasceu com a expropriação dos camponeses das suas terras (que eram o seu meio de produção e de vida), o que os obrigou a migrar para as cidades para se tornarem proletários assalariados do Capital, no resto do Mundo, e graças às Conquistas levadas a cabo pelos Estados Europeus (e os poderosos a quem serviam), essa expropriação foi acompanhada por um massacre colossal. Seja pela violência assassina direta dos conquistadores, seja pelas doenças que dizimaram as populações indígenas que não possuíam anticorpos para doenças tão novas como a gripe trazida pelos invasores”.

No capítulo quarto, o autor abre uma crítica contundente aos excessos do capitalismo. O capitalismo só é o que é por conta justamente de ser um regime sanguinário. E isso não porque vicia por “faltas”, mas por “excessos”. Como vimos, antes, ele é insaciável em sua imperiosa sede de sugar o sangue da natureza humana e não humana. Para o altar do Capital, não se medem maiores esforços para todo e qualquer sacrifício humano ou inumano. Por isso, como põe na balança Velasco: “diante da tragédia consumada e anunciada pelo capitalismo, algumas vozes pedem a sua moderação. Alguns pregam a transição energética com renúncia aos combustíveis fósseis (num processo denominado “descarbonização”); outros pedem diminuição, e ainda há quem pregue um impossível “capitalismo verde”.

Esses discursos, no entanto, são insuficientes porque não atacam o cerne do capitalismo como tal, que é onde a tragédia antes descrita emerge; nomeadamente, a relação social entre proprietários e não proprietários dos meios de produção, distribuição e vida, privatização da natureza nas mãos dos capitalistas, e a inevitável em que a inevitável competição, acumulação e centralização de capital, com o consequente impacto na saúde da natureza humana e não humana” (com ou sem uso de combustíveis fósseis)”. Ora, o Ecomunitarismo desconstrói justo essa visão “cor-de-rosa” e “açucarada” do capitalismo sem limites e, portanto, excessivamente sanguinário.

O livro fecha com o quinto capítulo em que Velasco elenca uma série de aspectos que perfazem a proposta ecomunitarista, ou seja, o que se retrata aí é o caráter multidimensional do que é o autêntico *modus vivendi* como signo do ecomunitarismo. Dentre esses aspectos que se entrecruzam sob um mesmo pano de fundo, vale destacar: fundamento ético, perfil e educação ambiental ecomunitarista; a interculturalidade; o ateísmo não militante; a noção ecomunitarista de pessoa e as formas populares de luta. Nesse conjunto de elementos concêntricos, o nosso autor reafirma sempre, de modo oportuno, que no Ecomunitarismo deixará de existir qualquer força armada permanente e também deixarão de existir as próprias armas (exceto aquelas que se revelem essenciais para defender o Planeta de uma ameaça alienígena, seja ela um asteroide ou uma invasão bélica).

É nesse espectro mais amplo que o livro termina, em sentido maiúsculo, com a mensagem emblemática de sua proposição: “ECOMUNITARISTAS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS! DE CADA UM-A DE ACORDO COM AS SUAS CAPACIDADES E A CADA UM-A DE ACORDO COM AS SUAS NECESSIDADES, RESPEITANDO OS EQUILÍBRIOS ECOLÓGICOS E A INTERCULTURALIDADE!

Findo isso, a obra de Velasco, uma vez mais, cumpre a que veio! Ou seja: ela revigora, numa linguagem clara, didática e acessível, uma proposta que não é de outro mundo. É deste e, portanto, humanamente exequível, sem perder de vista, é claro, a sua intuição mais real e concreta como projeto utópico pós-capitalista.

Que os(as) seus leitores(as) encontrem nela mais uma fonte de inspiração e

expiração!

Submissão: 30. 01. 2025 / Aceite: 15. 02. 2025